
Dossiê

O ESTABELECIMENTO DOS DEMARCADORES DE IDENTIDADES E DIFERENÇAS A PARTIR DAS REDES SOCIAIS NO CASO DO POLO NAVAL DE RIO GRANDE-RS

Pedro Marchioro
Mestre em Sociologia pela UFPel.

RESUMO

Esse artigo é resultado de uma investigação dos processos de construção da figura do “baiano” na região de Rio Grande-RS. Com a instalação do Polo Naval, um número expressivo de trabalhadores migrantes apareceram na cidade devido aos postos de trabalho que o Polo ofereceu. Do encontro entre riograndinos com esses trabalhadores emergiu a figura do “baiano”. Reconstruindo o processo em que esta figura se erigiu, percebia-se que o “baiano” poderia ser tanto alguém nascido no estado da Bahia, quanto em Pernambuco, no Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais, de modo que a designação não obedecia a um recorte geográfico, racial ou de classe. A figura do “baiano” é resultado de operações de síntese dos “estrangeiros” que advieram a Rio Grande que busca posicionar o “outro” e manter a posição do nativo. Assim, a configuração onde atua o signo “baiano” está apoiada em uma lógica que sugere um incômodo subjetivo do nativo frente a certos traços comportamentais do “estrangeiro” que rompem com as expectativas normativas presentes em cada contexto; o sentimento de ameaça frente a culturas que instabilizam a distribuição de recursos materiais e simbólicos que já existiam ou que advieram com a instalação do Polo Naval; a uma diferença no grau de apropriação e incorporação dos significados que regulam as regras e infrações dos espaços de comportamentos; e um quadro de desequilíbrio na organização e coesão dos grupos que participam e atualizam os sentidos estes espaços.

Palavras-Chave: Identidade; Migrações; Trabalhadores; Rio Grande/RS.

THE ESTABLISHMENT OF THE IDENTITY MARKETS AND DIFFERENCES FROM THE SOCIAL NETWORKS IN THE CASE OF POLO NAVAL RIO GRANDE-RS

ABSTRACT

This article is the result of an investigation the processes of construction and interpretation of the “bairanos” representation in Rio Grande-RS region. With the installation of the Naval Pole, an impressive variety of workers from outside appeared in the city because of the jobs that the Polo offered. Conflicts generated by the meeting between riograndinos with these workers emerged the figure of the “baiano”. Reconstructing the process in which this figure was erected, one could see that the baiano could be either someone born in the state of Bahia, and in Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo and Minas Gerais, etc., so that the designation did not obey the geographic divisions, race or class. The figure of the “baiano” is the result of foreign operations synthesis thereby made the Rio Grande that seeks to position the “other” and maintain the native position. Thus, the configuration where the sign “baiano” is supported by a logic that suggests acts 1) as subjective nuisance native front of certain behavioral traits from abroad that break with the

normative expectations present in each context, 2) the feeling of culture threat that unsettle the distribution of material and symbolic resources that already exist or that thereby made with the installation of Naval Pole, 3) to a difference in the appropriation and incorporation degrees of the meanings that regulate the rules and violations of behavior spaces, and 4) an imbalance framework in the organization and cohesion of the groups that participate and update these spaces.

Keywords: Cultural conflicts; Migration; Stigma; Representation.

Introdução

A problemática sobre identidades e representações sociais tem sido amplamente discutida nas últimas décadas. Isso devido ao fato de que as representações e identidades dizem respeito ao modo como os agentes interpretam e agem no mundo e, portanto, ao modo como se travam as relações sociais. O percurso genealógico da identidade está pontuado de distúrbios e inflexões que evidenciam que as representações que os sujeitos assumem em determinado contexto se devem não somente as qualidades que lhe seriam inerentes, mas a fatores sociais, regimes de verdade, estruturas simbólicas e arranjos institucionais.

Nas últimas décadas do século passado, mudanças profundas ocorreram no modo como as relações sociais se organizavam. Alguns sociólogos têm relacionado isso a alterações identificadas no estatuto do trabalho e na sua descentralização. Outros têm encontrado na globalização os principais fatores de caracterização do mundo contemporâneo enquanto destituído dos limites que demarcavam os espaços sociais e guardavam as referências identitárias. Nesse sentido, a circulação do termo “pós-modernidade” chama a atenção para os níveis profundos que tais mudanças atingiram, perfazendo uma “crise” no quadro de referências, isto é, uma impossibilidade de encontrar os mesmos elementos simbólicos que direcionavam os atores no mundo social, ou de trabalhá-los da mesma maneira dado o caráter descontínuo, efêmero e instável do substrato em que habitam (HALL, 2011).

Segundo as perspectivas apontadas, os indivíduos teriam dificuldades em lidar com o mundo contemporâneo devido ao seu caráter fluido e incerto. Uma vez que se torna claro que tanto o entendimento objetivo que se faz desses indivíduos quanto o próprio modo como este indivíduo se experiencia subjetivamente são oriundos de seu “exterior constitutivo” (HALL, 2014, p. 128), haveria que se investigar e demonstrar como se dá essa articulação entre desestruturação objetiva do mundo social e ajustamento subjetivo dos agentes. Se por um lado as estruturas sociais contemporâneas estão marcadas pela fluidez e irregularidade, desestabilização e fragmentação dos espaços sociais, por outro lado os agentes sociais encontrariam uma coerência perceptiva com tal

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

realidade uma vez que é nesta realidade fragmentada que são socializados e incorporam tais estruturas (WACQUANT, 2010).

Todavia, haveria que se analisar como os agentes operam em situações de mudanças repentinas, de interrupção ou ruptura com a continuação de sua vida diária devido às mudanças estruturais apontadas. O trabalho que se apresenta aqui busca compreender como ocorre essa articulação, isto é, como os agentes sociais operam subjetiva e objetivamente em situações mudanças ou instabilizações nas estruturas da realidade. O universo de análise é a cidade de Rio Grande/RS no contexto de instalação de um Polo Naval que acabou tendo um grande impacto na região ensejando a emergência de conflitos culturais devido a quantidade e variedade de trabalhadores atraídos de diferentes regiões do país. Do encontro entre a população local e a presença expressiva de “estrangeiros”, emergiram as primeiras acusações do “baiano”, figura de linguagem que age no sentido de condensar e organizar a miscelânea de caras novas, hábitos embarçados, sotaques diversos, comportamentos desviantes, que aparecem na (nova) configuração da realidade de Rio Grande.

A produção da representação do “baiano” pressupõe um objeto a partir do qual se pode analisar os processos de estruturação social do Polo Naval de Rio Grande-RS. É dizer que determinadas conjunturas sociais emitem signos que podem articular significados e liberá-los em representações que os agentes agenciariam para produzir suas identidades (BAKHTIN, 1981; ELIAS, 1994). Desse modo, o “baiano” seria uma categoria sintética, que procederia reduzindo em um só rótulo tanto os “estrangeiros” encontrados no cotidiano riograndino, como a própria situação social, as mudanças estruturais que se passavam na cidade. Por fim, a enunciação do “baiano” não diz respeito à localização do habitante do estado da Bahia. Os “bairanos” podem ser trabalhadores cariocas, paulistas, pernambucanos, paraibanos e ainda de outras regiões do Brasil que vieram trabalhar no Polo Naval da cidade.

Essa pesquisa é um estudo de caso sobre os processos de produção do “baiano” enquanto uma figura de linguagem produzida pelos riograndinos para tornar inteligíveis e designar os trabalhadores migrantes que se instalaram em Rio Grande-RS¹. O artigo centra-se na análise das redes sociais e dos espaços online buscando demonstrar como a internet se coloca como um mecanismo decisivo para a construção de demarcadores de identidades e diferenças grupais. Visa ainda demonstrar o modo como uma figura social, no caso a do “baiano”, é construída e estabelecida em determinada configuração social, para que, em um movimento posterior, possa ser operacionalizada nas relações sociais através de seus estigmas, isto é, marcas ou informações

¹ Este artigo é arte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em sociologia defendida em 2016 na Universidade Federal de Pelotas.

deduzidas a partir dessa figura. Busca-se, sobretudo, investigar o modo como o “baiano” é construído e operacionalizado a partir dos esquemas de percepção e narrativas do riograndino dentro dos fóruns das redes sociais.

Parte-se aqui das questões de *onde, como e porque* esta figura é gerada. A primeira pergunta diz respeito aos lugares, na estrutura social, em que se dão os encontros entre o nativo e o estrangeiro. A segunda se refere às modalidades de percepção e enunciação da figura do “baiano” desde o estranhamento inicial até a mobilização de mecanismos para a produção e consolidação de sua imagem e de seu sentido geral - no caso, negativo. Aqui se veem, por exemplo, mecanismos de manutenção da coesão do grupo nativo através da reinvidicação de referências identitárias, tal como a representação do “gaúcho”, na oposição direta a representação do “baiano”. A terceira questão se debruça sobre o que estaria em jogo na produção do “baiano”, onde os “estrangeiros” incidem no imaginário e na cultura local, no que os afetou e o que estava sendo disputado.

O postulado que se dispõe é de que os “baianos” constituiriam uma ameaça aos nativos, e que a construção dessa figura seria parte de estratégias de conservação de sua realidade e, nesse sentido, de manutenção da própria sobrevivência do nativo. É dizer que, uma vez que a multiplicidade dos “estrangeiros” – por serem provenientes de outras regiões e culturas –, desordenam e desestabilizam a realidade local, eles acabam por ameaçar a agência do nativo em dada realidade na medida em que foi nesta realidade que ele se socializou, isto é, que construiu seu *habitus* (BOURDIEU, 2004) dependendo dela então para a continuidade de sua agência. Neste sentido, o signo “baiano” é um mecanismo de manutenção e conservação da realidade riograndina tal como esta é apreendida nas estruturas perceptivas do riograndino.

A pesquisa foi iniciada com as primeiras verificações do uso que os pelotenses, que trabalhavam ou circulavam na cidade de Rio Grande, faziam da categoria “baiano”. A partir daí se iniciou uma série de buscas de informações, observações em campo e estruturação de algumas entrevistas de investigação sobre as estruturas subjacentes que estavam por trás dos usos dessa categoria. Com a busca do assunto na internet, ficou evidente que a questão do “baiano” extrapolava os recortes tradicionais – de classe, raça, gênero –, e poderia ser problematizado em um tema de pesquisa que permitisse desvelar alguns processos contidos em casos de conflitos culturais e configurações intergrupais. Como se observa nesses comentários sobre os “baianos” recolhidos na internet: “São meio espaçoso, fazem uma certa anarquia tipo festa fora de hora, som alto em lugares impróprios, onde moram outras pessoas”.

Nesse artigo os termos “baianos” e “gaúchos”, assim como outros, aparecerão sempre entre aspas para enfatizar a dimensão simbólica e figuracional nos quais estão imersos. Esquiva-se,

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

portanto, de qualquer consideração objetiva do que seria o gaúcho de fato, tomando os termos sempre “entre parênteses” (SCHUTZ, 2011) ou “sob rasura” (HALL, 211), isto é, a partir da representação que assumem na percepção e narrativas dos agentes e nunca se mostrando como tal em uma suposta realidade objetiva e absoluta. Também buscou-se aqui manter o material colhido nas redes sociais em seu formato original, com as letras maiúsculas, as abreviações e as expressões, uma vez que se entende que são parte do conteúdo mesmo e carregam informações importantes para a compreensão da problemática.

O contexto de emergência do “baiano”

Como apontado pelas teorias que versam sobre a mudança significativa que houveram das estruturas da sociedade anterior para a contemporânea, o mundo contemporâneo, global ou pós-moderno efetivou a erosão das fronteiras que contornavam as antigas territorialidades, isso em termos de espaços, lugares sociais, campos e dimensões. A relação entre o global e o local ou regional sofreu uma alteração significativa. Nenhuma localidade, nesse sentido, está imune às reverberações de fenômenos ocorridos alhures, uma vez que o espaço global desenha-se agora como um emaranhado de redes e canais transfronteiriços que se comunicam e afetam. Sendo assim, o desenho do universo em que se localiza o objeto de análise das ciências sociais também foi problematizado. Este objeto agora deve ser situado em uma territorialidade suspensa, recortada em múltiplas dimensões, níveis, discursos e temporalidades.

Nesse sentido, a representação do “baiano” situa-se dentro de um universo de análise delimitado, de um contexto que podemos recortar com precisão, uma vez que não se observa seus efeitos a partir de certa distância – seja espacial ou temporal – do espaço traçado. Este espaço, entretanto, está atravessado de vórtices de influências globais, e ao mesmo tempo dividido em múltiplas dimensões, campos, níveis e discursos, de modo que é somente a conceitualização analítica, enquanto um recurso heurístico, que permite dizer que ele é uma coisa, uma unidade ou um universo com limites, dado algum traço comum que o configura em um conglomerado e o diferencia de outro.

O espaço-tempo em que se insere o objeto, pois, é a região sul do Rio Grande do Sul, mais especificamente a cidade de Rio Grande dada a presença e as influências do Polo Naval instalado entre 2005 e 2006. Entretanto esse universo de análise é fragmentado em outros contextos, ou melhor, outros campos que participam em sua composição porém mantendo uma “autonomia relativa” (ELIAS, 1998; BOURDIEU, 2011), tal como o campo do trabalho, o próprio cotidiano das relações diretas que transcendem o espaço laboral, e os meios de comunicação.

Nessa pesquisa tomou-se os espaços virtuais como um campo que contém um lógica própria, uma linguagem, um conjunto de regras e recursos ou capitais que lhe são específicos e disputados em seu jogo particular (BOURDIEU, 2003). Pensa-se aqui que as redes sociais contemplariam os demais espaços sociais ou campos acima mencionados, uma vez que o âmbito virtual abarca indivíduos de diferentes campos que recorrem às redes sociais como um lugar de publicização de seus apontamentos e reclamações. Mesmo assim, não se pensa ter exaurido a riqueza do contexto apenas com a abordagem desse campo. O que se tem em conta é que os espaços sociais seriam uma dimensão vantajosa para analisar o fenômeno em questão, a saber, do posicionamento dos migrantes através da produção da rotulação do “baiano”. As redes sociais e os demais espaços virtuais conteriam, a princípio, alguns componentes que não se encontram nos demais, por exemplo – mais adiante se explorará mais a fundo este tema – os custos reduzidos de recursos como tempo e dinheiro para o deslocamento e ingresso nesse espaço, mas, sobretudo, a possibilidade que o integrante desse espaço vê de que suas reclamações e apontamentos sejam feitos sem o risco de arcarem com as consequências, uma vez que as redes sociais permitem que se mantenha um relativo anonimato. Deste modo, aquele que procura acusar e hostilizar os migrantes sobre o pejorativo do “baiano”, podem fazê-lo da forma mais livre e contundente possível sem correrem o risco de serem acusados de “xenofóbicos”, “preconceituosos” ou “racistas”.

O contexto, portanto, em que se insere o objeto é a cidade de Rio Grande-RS em que se instalou o Polo Naval entre 2005 e 2006. Segundo dados do próprio Polo Naval, em 2008 Rio Grande-RS somava aproximadamente 187 mil habitantes, subindo para 197 mil em 2010². A cidade até então apresentava uma atividade comercial estável porém pouco expressiva, chegando a figurar, no início do século XXI, como uma “típica área de estagnação econômica”, segundo o Ministério da Integração Nacional (*apud* CARVALHO e DOMINGUES, 2013; p. 9). Contudo, com a entrada da indústria naval e dos megainvestimentos através do Polo, Rio Grande passou a ser palco de uma intensa movimentação, promessas e expectativas de desenvolvimento e mudanças (CARVALHO e DOMINGUES, 2013). Aos olhos de seus habitantes, essas promessas são expressas como:

uma melhoria com aumento de suas liberdades que lhes possibilita alcançar serviços educacionais e saúde, aumentar a renda seja por meio da inovação produtiva ou do acesso a empregos e incluir-se socialmente por meio da participação social (BASTIAN e KRONE, 2014; p. 22).

Houve, nesse sentido, um grande volume de materiais, investimentos e recursos vindos de outros lugares do Brasil e do mundo, que, de acordo com o Plano Diretor do Polo Naval, alteraram

² Segundo o site a época “estima-se que até 2020 esse número chegue a 450 mil habitantes.” (ver: http://www.polonavalrs.com.br/index.php?n_sistema=3043&idiomas=pt).

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

“significativamente o perfil produtivo da metade sul, bem como suas condições socioeconômicas” (PDPN, p. 4). Rio Grande passou a ser vista – pelo Governo Federal e pelos *players* do mercado global – como um ponto estratégico para o avanço na relação da região com o mundo, e, como afirmam Carvalho e Domingues, as “relações entre o endógeno e o exógeno são essenciais ao processo de desenvolvimento local” (2013; p. 5). De início, junto aos elementos “exógenos” trazidos com o Polo, constatou-se a chegada de migrantes vindos, em sua maioria, em busca dos postos de trabalho abertos no Polo. Esses migrantes, tidos pelas próprias políticas locais como “forasteiros” (PNPD, 2012), são pessoas de todas as partes do país, com feições e traços diferentes, apresentando sotaques e comportamentos contrastantes com o perfil local.

Dadas as preparações feitas pelas instituições para sobreviver e tirar vantagem das promessas advindas com o Polo, pode-se imaginar que haveria algum impacto sentido de forma mais brusca no plano cotidiano pelos atores sociais. Nas conversas com os habitantes locais, ouvia-se com frequência o relato de que por aquela época – mais especificamente entre 2012 e 2013, período ápice da atividade no Polo – “sentia-se algo diferente”, “as coisas estavam diferentes”, dizia-se, mesmo que não se soubesse dizer exatamente o quê. O ambiente havia se alterado, o ritmo das ruas tinha sido acelerado por fluxos de trabalhadores com uniformes coloridos das novas empresas prestadoras de serviços no setor portuário (CARVALHO e DOMINGUES, 2013).

A televisão e meios de comunicação exaltavam o Polo Naval como um “novo *Eldorado*”. Os anúncios de vagas de emprego pululavam: para soldador, encanador, pintor e outras profissões. Cursos de qualificação eram oferecidos para os postos de trabalho. Nas portas das empresas, se desdobravam (e ainda ocorrem) filas para o preenchimento de cadastros de emprego. Repetiam-se exemplos de pessoas que abandonavam suas antigas fontes de renda em troca de um emprego no Polo. Havia, por assim dizer, um ar de otimismo e progresso impregnado na cidade.

Observou-se ainda um aumento na demanda dos serviços – formais e informais, dada a ênfase na propaganda daqueles que progridem nesse setor. A figura do “baiano” começa a ser gestada aí. Os restaurantes, as lojas, as pensões, os hotéis, os bares, os camelôs, os cabarés, os traficantes, as prostitutas e os travestis, - toda essa rede comercial - foram abastecidos por uma nova clientela, de caras novas que se misturam, usam roupas combinadas de outra forma, e trazem um jeito “esquisito”, “arrastado”, “rápido”, “confuso”, “nojento” de falar e de se comportar. Nos meios de comunicação, começa a aparecer a preocupação com os “trabalhadores vindos de fora”:

Tem sido cada vez mais comum a presença de cariocas, paulistas, mineiros, cearenses, entre outros, nos mais diversos segmentos da cidade. Especialmente com o incremento do Polo Naval, as empresas buscam mão de obra qualificada e, com escassez na cidade, acabam trazendo empregados de outros lugares. (Jornal Agora, 2012)

Os migrantes apareciam associados a crimes e distúrbios.

“Quadrilha baiana assaltou carro-forte em Rio Grande, revela polícia. Felipe Osório Mota, de 24 anos, Paulo Roberto Miranda Filho, de 24 anos, e Eric Muller Alves de Lira, de 29, estão na penitenciária. Rafael Santana Soledade, de 23 anos, ficou ferido e morreu no hospital. Um quinto homem que também estava no veículo está sendo procurado. Todos são naturais da Bahia.” (G1, 2014)

“Jovem baiano é preso acusado de trabalhar como matador de aluguel” (Jornal Agora, 2014).

É desse encontro inicial da população local com a variedade confusa de “estrangeiros”, das relativas “rupturas” (MARTINS, 2010, p. 55) abertas na dimensão simbólica do cotidiano local, que emergirão as primeiras denúncias e acusações do (mal) comportamento do “baiano”, figura de linguagem operada no sentido de condensar toda a miscelânea de caras novas, hábitos embarçados, sotaques diversos, comportamentos destoantes, que aparecem na nova configuração da realidade de Rio Grande.

Mais adiante, se debruçará sobre o modo como esta imagem se tipifica, é reificada, isto é, se descola das situações imediatas que a gerou, passando a constituir um elemento a mais no universo simbólico do riograndino, uma categoria estratégica que irá ser utilizada para operar os “vazios” simbólicos (MARTINS, 2010, p. 55) encontrados pelo nativo em seu novo mundo social.

Os experimentos têm demonstrado que, com grande rapidez, os envolvidos na circunstância de privação repentina de significados e, portanto, de orientação e referência, são capazes de criar significados substitutivos e restabelecer as relações sociais interrompidas ou, mais que isso, ameaçadas de ruptura (MARTINS, 2010, p. 55).

Portanto, em meio a esse defrontamento da cultura regional com outras culturas, aparece o designativo “baiano” como uma categoria da qual o habitante local servir-se-á para identificar os elementos desconhecidos dessa nova realidade social com que se depara, e organizá-la cognitivamente e objetivamente. O designativo “baiano” não mantém relação direta com a proveniência do indivíduo do estado da Bahia, estes trabalhadores podem ser cariocas, paulistas, pernambucanos, paraibanos, cearenses, capixabas e de outras regiões do Brasil, que vieram ocupar os postos de trabalho em função da abertura do Polo Naval de Rio Grande. Desse modo, o “baiano”, enquanto rótulo, funciona como um “saco vazio” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 20) no qual é depositado uma série de atributos negativos identificados nos corpos dos estranhos encontrados na vida diária. No comentário exposto a seguir – e nos demais que aparecerão no seguimento do texto -, pode-se ver uma das primeiras tentativas de reduzir e definir o “baiano” na realidade embarçada com que o riograndino se deparava:

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

A maioria [dos “bairanos”] é abusada mesmo...até que agora deu uma parada porque no início quando chegaram tava demais mesmo. Não generalizando todos, mas tava complicado a situação. Agora tem de tudo em Rio Grande, baiano, piauiense, paulista, carioca...Tem gente até que confunde AH E DE FORA DEVE SE BAIANO kkkk mas que barbaridade!

Os espaços virtuais

Os estranhamentos entre as culturas “nativas” - seja daqueles que se identificam como “riograndino” ou “gaúchos” - e “bairanos”, se desdobram e amadurecem nas redes sociais. É na internet, nas redes sociais, que a figura do “baiano”, sua imagem, identidade e posição no universo das posições simbólicas, é produzida. Ali se modelam os contornos das reclamações desorganizadas, das queixas dispersas, que chegam dos espaços sociais. As redes sociais são dispositivos de reunião das demandas e queixas individuais, e um espaço onde se faz e são negociadas a manutenção dessas queixas. No movimento seguinte, essa figura postulada na internet se ramificaria para os espaços sociais da vida prática, do cotidiano. É na internet que se pode ver de maneira mais clara aquilo que nas interações face a face está velado, tanto nas interações entre as partes conflitantes quanto nas interações destes com o pesquisador. Nas redes sociais os descontentes individuais ganham segurança ao saberem que seus desconfortos e descontentamentos são partilhados. Apesar de a pesquisa abranger outros espaços de análise, como o plano da rua e os meios de comunicação, é nos fóruns de debates das redes sociais que os migrantes e estrangeiros aparecem reduzidos ao “baiano”, posto que nos meios de comunicação não se pode proceder da mesma forma e nem no plano da rua, em que o entrevistado modera e manipula os termos frente ao entrevistador. Mesmo assim, como se verá adiante, há uma espécie de consciência subjacente que se nota na análise que se faz dos posicionamentos coletados nas redes sociais, de que o “baiano” não é o habitante da Bahia e que esse termo é empregado como um signo convencionado através do qual se pode obter um entendimento comum sobre o que se está falando. Em alguns momentos, porém, justamente essa redução a um termo que originalmente evoca uma região própria, dificultará o trabalho de definição do “estrangeiro” uma vez que deixa escapar os demais “estrangeiros” como, por exemplo, cariocas e paraibanos que se viu no comentário exposto acima.

Portanto há dois movimentos a que se pretende evidenciar no procedimento da análise: um primeiro movimento é o de ingresso do conteúdo individual vindo da rua, de forma desordenada, incerta, concentrada e reduzida às individualidades, tão contingente quanto podem ser as variações disposicionais de indivíduo para indivíduo ou mesmo do indivíduo para consigo mesmo (LAHIRE, 2004). O segundo movimento seria da evolução das narrativas individuais a um princípio de consenso. Aqui a matéria prima que propiciará a figura do “baiano” já estaria mais ou menos disposta, restando perceber como ela é modelada. Um terceiro ponto a afirmar é o de que, por mais

que as identidades ganhem contorno a partir de pontos ou nós em comuns, esse contorno não se completa, isto é, suas extremidades não se encontram para formar um todo acabado e permanente. A figura do “baiano” permanece aberta e confusa mesmo sob os múltiplos esforços e investimentos em sua definição. De maneira que, as investidas em tornar o “baiano” algo óbvio, auto-explicativo, que justifique a intencionada distinção, mostra-se frequentemente frustrada.

A recorrência dos grupos sociais às redes virtuais, sugere não somente que elas atuam na continuidade ou melhoria de suas relações, mas como as redes guardam dispositivos cada vez mais sofisticados para a produção de novos grupos. A etnografia virtual, nesse sentido, apresenta-se como uma proposta metodológica para o delineamento dos circuitos através dos quais grupos emergem, sofrem divisões, reúnem-se em novos centros, apontam hierarquias, deslocam-se, submergem e voltam a aparecer. Ela surge da consideração da importância de formular estratégias de investigação das redes sociais, dado o peso de sua influência no desdobramento das relações sociais. Nas palavras de Lisdero e Sena (2014), “[la] Internet se constituye en un espacio social que posibilita las miradas de las interacciones sociales, y al mismo tiempo, emerge como una herramienta en la investigación social que presenta ventajas y desafíos”.

A etnografia virtual foi utilizada desde o início do delineamento do objeto de pesquisa, quando, a partir dos primeiros choques culturais que apareceram na internet em 2013, por ocasião da música *Foge que é baiano*, feita por riograndinos que, em uma espécie de licença poética, buscavam relatar o conteúdo daquilo que sua cidade vinha enfrentando, a saber, o aparecimento de um grande volume de migrantes, fruto da abertura dos postos de trabalho no Polo, e que apresentavam modos de comportamento contrastantes com o modo de vida “normal” do cotidiano da cidade. Abriu-se um largo fórum de debates e acusações entre migrantes, nativos e simpatizantes da situação que extrapolou o universo das redes sociais para outras mídias como TV, jornal e rádio, até áreas acadêmicas, de planejamento urbano, etc.

Na presente pesquisa utiliza-se dos discursos nas redes sociais no sentido de coletar, codificar e analisar o conteúdo dos discursos coletivos e individuais de uma forma privilegiada, isto é, desnudada, em seu máximo vigor e até mesmo de forma exagerada. Não se pode observar, por exemplo, em situações sociais cara-a-cara, seja com o acusado ou com o pesquisador, afirmações como as que se seguem por ocasião da publicação da notícia: *“Quadrilha baiana assaltou carro-forte em Rio Grande, revela polícia. Uma pessoa morreu e outras três foram presas, nessa sexta-feira.”* Entre os comentários abaixo estavam:

Roque: - Só um? A polícia precisa melhorar a pontaria...

Luiz: - Quem manda a Ecovix deixar um monte de desempregados num pagar kit dos caras, da nisso ae.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

Bruno: - Esses *cambada de filho de uma puta* só queima o estado, tem que dá fim logo nesses *insetos* (Correio do Povo, 2015). (grifos do autor)

Enfim, dificilmente poder-se-ia captar com tal veemência um conteúdo desses expostos acima através das técnicas tradicionais de pesquisa – entrevista, observação, estatística, etc. Isso porque os fóruns que se abrem na internet possibilitam àquele que pretende explicitar sua opinião, não comprometer sua identidade, evitando consequências que poderiam advir da identificação pessoal. Dito de outro modo, os agentes veem-se na possibilidade de exteriorizar suas questões e opiniões, sob as mais diversas formas, sem que para isso precise se responsabilizar por aquilo que declara. É dizer que a internet não somente garante o anonimato, mas também diminui os custos pessoais, emocionais e econômicos que as relações diretas acarretam.

Junto a etnografia virtual, o programa N-Vivo aparece como uma ferramenta profícua na organização, classificação e codificação dos dados, de modo a potencializar a investigação aprofundada que o viés qualitativo requer. Um dos dispositivos do N-Vivo é a codificação que é feita na leitura do material, durante a qual vão se tecendo pontos comuns, categorias que vão aparecendo como espaços de possíveis inserções de partes do texto que sinalizam um sentido próximo ou semelhante. A codificação permite organizar a variedade e singularidade das partes do texto (os discursos ou comentários de cada participante que se constituem em um mesmo texto) em alguns tópicos, temas, categorias ou nós. De forma que, posteriormente, poder-se-á recorrer aos sentidos que se busca na totalidade do texto, por exemplo, as partes em que o nativo se pronuncia em relação a higiene do "baiano", sem ter de retornar ao corpo integral do texto (composto de mais de 300 comentários, ou, mais de 60 páginas).

Os pontos em comum ou linhas de continuidade entre um discurso e outro que foram aparecendo na análise dos comentários recolhidos na página da música *Foge que é baiano*, se fizeram em torno de objetos comuns de denúncia e de aversão por parte do riograndino. Desse modo, eram constantes as aparições de referências à higiene, sexualidade, xenofobia, criminalidade, concorrência no trabalho, promiscuidade, etc., referentes ao “baiano”. Desse modo, foi possível construir um “nó” de análise que sintetizasse cada categoria de assuntos que compunham a figura geral do “baiano”.

O que se pretende mostrar é como a figura do “baiano” se forma e se articula com a internet enquanto fator decisivo para a produção dessa imagem geral, fruto da síntese das negociações das opiniões individuais a respeito do “baiano”. Essa primeira afirmação não necessariamente pressupõe que a relação que embasa a configuração que mais tarde se estabeleceu entre riograndinos e a multiplicidade de indivíduos condensadas na figura do “baiano” tenha

começado na internet ou que não aconteceria sem ela. O antagonismo entre “nativo” e “estrangeiro” muito provavelmente começou no plano da vida social, nos encontros cotidianos, a partir de desconfortos, estranhamentos com pessoas reais, em sua presença física isto é, não virtuais. Todavia, somente com a matéria dos encontros imediatos e aleatórios do cotidiano, esses desconfortos e estranhamentos não lograriam atingir uma projeção simbólica e evoluir para o abstrato.

Os sujeitos do debate

Os participantes do debate, aqueles que ingressaram e permaneceram no fórum analisado, podem ser divididos em três categorias básicas: os riograndinos, enquanto “impositores” de regras ou “guardiões da moralidade” – segundo os conceitos de Becker (2008); os “baianos” (com aspas), não só oriundos geograficamente da Bahia, mas cariocas, capixabas, pernambucanos e outros que eventualmente se veem atingidos pelas acusações que são feitas aos “baianos”; e os simpatizantes, que se sensibilizam com a causa de um ou de outro, ora tentando apaziguar a situação, mostrando um ponto de vista neutro, ora partilhando suas experiências e tomando partido de uma ou outra parte.

As categorias dos grupos em debate seriam: 1º) os “nativos” ou “riograndinos”, que vão desde uma opinião mais moderada, como: *“Humilde é uma coisa que esses baianos não são, eu odeio xenofobia, mas esses baianos foram longe demais, pra eles serem respeitados, eles tem que ter respeito com a cultura riograndina”*. Até uma mais aguda e contundente:

“SEUS BAIANOS, FDP, DESGRAÇADOS, NÓS DOMINAMOS A CIDADE, ELA É NOSSA, NÃO VENHAM BANCA PRA CIMA DA GENTE, NÓS CHEGAMOS AQUI ANTES, COLOCAMOS NOSSA CULTURA ANTES, ENTÃO SEUS FORAGIDOS DA POLÍCIA, SEUS LADRÕES BARATOS, PÉ RAPADOS, PREGUIÇOSOS DO CARALHO, MAIORES PREGUIÇOSOS DO MUNDO QUE NÃO FAZEM PORRA NENHUMA, TRABALHAM O CACETE, SÓ MATAM HORA E SEM EDUCAÇÃO QUE NÃO MERECEM RESPEITO, VEM E QUEBRAM TUDO, E AI? COMO FICA O DONO [DA BOATE] LADES , JÁ PENSARAM NISSO? BAIANOS,PIOR RAÇA E NÃO SOU RACISTA, SÓ TO PUTO DA CARA!!!!!!”

Nesses casos veremos citações de termos como “nojo”, “raiva”, “ódio”, o que sugere que há o envolvimento não somente de componentes cognitivas nessas acusações, mas, que a figura do “baiano” desperta emoções, provoca alterações sensíveis que ensejam a liberação de disposições enérgicas, hostilizações, xingamentos e até disposições violentas.

A segunda categoria seria a dos “baianos”, enquanto cariocas, paulistas, cearenses, etc:

Vcs gaúchos(as) são tudo um bando de racistas, hipócritas que acham que esse fim de mundo chamado rio grande é uma cidade ... Vcs tem é inveja do pessoal de fora que vai pra essa merda de cidade ensinar vcs a trabalharem ! Vcs tem é que dar graças a deus que foi

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

construído o estaleiro ... Antigamente vcs trabalhavam no Guanabara ... Os gaúchos só querem saber de usar drogas , ostentar o que não podem ... Já as mulheres só querem saber de noitada, bebidas, trair os maridos, falar mal dos homens gaúchos... Vcs vivem de aparência, cambada de fudido que não tem nem merda no cú pra cagar... Beijinhos!

E a terceira categoria seriam os simpatizantes, com discursos como:

Gente, opinião pessoal: o Brasil não vai pra frente exatamente por isso. Não falo da música contra os baianos e nem das agressões contra os gaúchos e sim dos dois ao mesmo tempo! Nem parece que gente adulta consegue se comportar tão bem quanto criança mimada que sequer pensa se ofende os outros ou não. Não sou gaúcho embora seja sulista e nem baiano embora tenha amigos nordestinos, mas acho que todos devemos respeitar para sermos respeitados. Ponto final!

Como o espaço é a internet, o lugar de proveniência dos participantes extrapola os limites da territorialidade de Rio Grande, havendo opiniões vindas de vários lugares do Brasil.

O cerne da análise se concentra sobre uma série de comentários (em torno de 300) postados no canal de internet Youtube, em função da música *Foge que é baiano*, criada e postada em 2013, alcançando sucesso imediato e repercutindo em outros meios de comunicação, em boates e no contexto geral, assim como nos celulares individuais que, por insistência dos ouvintes, foram disponibilizados em versão para o *download*. A música é, portanto, o pano de fundo da discussão, por mais que em seguida deixe de ser referência e o debate se desenvolva a partir dos ataques mútuos.

A música por si mesma apresenta uma estrutura de definição do que seria o “baiano”. Em formato de funk, ela assume um tom deboche, e pode ser trabalhada da seguinte maneira:

- 1) Todo pessoal da p-58, p-55.. Tamo Junto!
Trabalho na "ingivix" sou encarregado ...
melhor gato que tem, venha se aproxime ...
- 2) Eu bebo litrão da "Maínha" com os mano
Xaveco traveco não tô nem "ligano"
- 3) Churrasco segunda, vizinho "acordano"
Eu curto a Ivete, o Naldo e o Caetano ...
- 4) Na festa eu tóco o terrô, só pique parangolé
rebolation na Buarque, lá no Lads tem mulé
encontrei uma encorpada que só podia por trás
peituda do gogó grande, conheci na Silva Paes.
- 5) De boombox no busão, gel, cabelo do Neymar
Tem cavaco, tem tantan, viação noiva do mar
Agora eu fiquei doce e é assim que eu sobrevivo
To tirando onda no rolé de seletivo ...

- 6) Se eu tiver boombox? FOGE QUE É BAIANO ...
E loco de cerveja ? FOGE QUE É BAIANO ...
Tem churrasco todo dia ? FOGE QUE É BAIANO ...
Tem segunda e quarta-feira ? FOGE QUE É BAIANO ...

Utilizando uma técnica de codificação (GIBBS, 2009), pode-se ver que o ponto 1) faz referências ao tipo de trabalho do “baiano”, os pontos 2) e o 4) o definem como aquele que consome bebida alcoólica de forma abusiva e “toca o terror”, inclusive incorrendo numa sexualidade promíscua - tendo relação com prostitutas e travestis. Os pontos 3) e 6) falam do tipo (ruim) de música que o “baiano” escuta, em volume alto e em dias de semana, fazendo churrasco e festa em dias inapropriados. No ponto 5), aparece o “baiano” usando gel no cabelo em cortes esquisitos, e o fato de ele usar transporte da empresa e ainda “tirar onda”.

Enfim a música mostra como o “baiano” é retratado: como esdrúxulo, brega, destoante, que fala alto e escuta música alta, tem gestos espalhafatosos, usa cabelo e roupa esquisitos porque muito diferentes do hábito local. O “baiano” bebe, parece que está sempre bêbado, e em dias inadequados. Tem uma relação estranha com o trabalho e seu comportamento sexual é vulgar. Todas essas temáticas retornam constantemente nas acusações, o que permite tomá-las como pontos de apoio através dos quais poderíamos delinear uma figura geral do “baiano”. Esse retorno dos temas sugere que, ou a música retrata a face do “baiano” tal como os riograndinos que se apresentam ao debate o identificam, ou que a partir da música eles encontram as referências para construir e sustentar as suas queixas.

Também se observou na análise dos comentários na página que o debate ora se distancia da música e se direciona para assuntos que emergem no próprio jogo de acusações, tal como as questões regionais, da organização da cidade, do poder econômico, da cultura em geral, ora retorna para a temática oferecida pela música, dada a própria dinâmica do Youtube, daqueles que entram uma primeira vez, escutam a música e fazem um comentário, ao contrário daqueles que seguem o curso do debate. Esse retorno à música, por exemplo, encontra-se já nas últimas seções do debate³:

Carol, infelizmente tudo que diz na musica é verdade, [os “baianos”] são desrespeitosos com todos, bagunceiros, claro que tem exceções, mas é isso, sabemos das dificuldades da cidade em ter mão de obra, mas tem que ser feito algo contra isso. Eu particularmente não aguento mais barulho, porque nem música é de manhã cedo ou super tarde, ainda pegam a

³ Os comentários vêm diminuindo progressivamente desde de o ultimo ano (2015). Embora o ultimo tenha sido feito dois meses antes do momento de escrita dessa dissertação. Dizia ele: [Camila Lima](#), [2 meses atrás](#): KKK [...] ESCUTANDO EM 2016.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

pior música, a pior mesmo, onde a cantora é super aguda e colocam pra repetir ate 7 vezes que foi o que contei...por favor né, é difícil receber bem essas coisas.

Disponibiliza logo essa música em mp3 para download, gente!! Ahahahahaha

Fico muito massa!!! vou colar a tocar no carro a todo pau pra tremer esses baiano kkkk

Rio Grande canta junto!!! o/ hahahaha

Já baixei a música! Não me canso de ouvir!! Muito bom.

Mesmo assim, a correspondência que se apresenta entre os pontos erigidos na análise dos comentários – trabalho, sexualidade, promiscuidade, higiene, aversão à disciplina/preguiça – e o desenho que se vislumbra na música, permite trabalhá-los enquanto categorias analíticas ou nós, através do programa N-Vivo.

Sobre a postura do “baiano”, são frequentes as associações com a pobreza, de carência de capital econômico e cultural. Ou seja, se procede deduzindo que determinado comportamento seria a tradução corporal de determinadas estruturas sociais, de uma classe social incorporada:

Essas pragas vem pra cá matar a fome.

Não, vocês vieram pra Rio Grande por não conseguirem fazer uma faculdade e sendo assim tem que trabalhar de soldador nas plataformas de trabalho por um salario LIXO. Por isso vocês vieram pra cá, porque riograndino vai pra faculdade e se torna ALGO NA VIDA. Diferente de vocês baianos.

SEM CONTAR QUE ELES NÃO TEM DINHEIRO NEM PRA COMER, QUANTO MENOS PRA AJUDAR OUTRO ESTADO!

Baiano é mal educado, não vai pra faculdade!

A percepção econômica é um corte decisivo na produção da figura do “baiano”. Entretanto, isso não revela necessariamente um corte de classe, mas o fato de o nativo entender certos atributos como expressões ou sinais de pobreza, de proveniência de uma determinada classe social que estaria inscrita no corpo (BOURDIEU, 2004). Esses sinais, no entanto, não necessariamente revelam de fato uma situação de pobreza, uma vez que aqueles que moram em regiões litorâneas, por exemplo, fazem uso corriqueiro de bermuda e chinelo, sendo parte tanto de uma porção econômica abastada como de outra, estando tanto em um espaço de lazer como de trabalho.

Assim, atributos como andar de chinelo no centro da cidade, usar blusa com bermuda (“coisa que não combina”, aos olhos nativos), beber cerveja na latinha, andar de transporte público, explorar o boné como um componente estilístico e estético, são encarados como práticas de “baiano” ou “baianagem”, que é um dos derivativos do radical “baiano”. Estes elementos

constituíriam uma identidade enquanto um espaço em que aquele que os apresentasse, ou fizesse uso de tais recursos dispostos nesse espaço – vestuários, comportamentos, práticas, vocabulários -, seria posicionado enquanto um “baiano”:

Como identificar um baiano do polo naval em Rio Grande: É muito fácil, se tiver um celular num ouvido e uma latinha na mão, já achou.

Chinelo de dedo e celular no ouvido... FOGUE QUE É BAIANO! Hahaha

(...) Andar de chinelo no calçadão, e o que sabem fazer [é] só isso, obra mesmo, e não solda tiro 5 para profissional.

As idéias dos baianos: andar de casaco e de bermuda. Vou ter de apresentar a calça pra eles!

Também seria identificado ou posicionado como “baiano” aquele que não sabe ou faz uso equivocado dos aparelhos tecnológicos. Imagina-se que como sua região é pobre (seja lá que região for), ele converte a utilidade que a tecnologia oferece em um recurso visual, estilizando-a ou utilizando versões falsas de aparelhos como o iPhone, enfeitando-o com capinha estampada, adesivos e outros adereços, e exibindo-o com músicas em alto volume dentro do ônibus, na rua, como o “boombox” aludido na letra da música, que seriam aqueles rádios grandes que os rappers carregavam nos ombros na década de 90. A identificação do “baiano” como aquele que vive de celular no ouvido são frequentes. Ilustro o esquema, no entanto, com um embate entre um carioca e um riograndino, em que este buscava inverter o argumento de que Rio Grande não teria um cinema avançado, mostrando essa face desajeitada ou exagerada do modo como o “baiano” utiliza da tecnologia. A primeira fala é do carioca, a segundo do riograndino:

BAHH mas q besteira GURI, tem tratamento pra tudo, menos pra dor de cotovelo!!! Como aqui não tem shopping, cinema 4D, teatro, ponto turístico nem praia, ai vcs ficam sem ter o q fazer, ai vcs criam essas besteiras q nem se pode chamar de musica mas é normal, não conheço nenhum artista daqui da sua cidade deve ser por isso. Ninguém tem culpa de vc ter nascido aqui no interior do RS. idiota kkkk

Cinema 4D só no nordeste mesmo. Quanto mais D, mais nordestino.

O “baiano” é também identificado como um ser emocional, no sentido de que tende a se distanciar do racional, da disciplina, da decência moral e da ponderação, do autocontrole e da virtude nobre. O riograndino, ao contrário, segundo suas auto-definições, é respeitoso com a mulher, com a tradição e com o espaço público, emana atitudes nobres, é bravo, decente, estudado, preza pela reputação, etc. Segundo o modo como o riograndino se percebe, ele jamais “mexeria” com uma mulher casada, tampouco perderia o controle diante de uma mulher bonita:

Um dia passei no calçadão e vi um baiano mexer com uma linda mulher, ela o ignorou, como se não existisse. Aí ele colocou as mãos na cabeça e começou a gritar: - Meu Deus!!!

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

Por que vim parar aqui??? Só tem mulherão que nem olha pra mim !!! Tive que rir. Esses baianos além de mal-educados, são muito engraçados.

Segundo o discurso nativo, os “gaúchos” são aqueles que dominam o corpo, guardam a postura, sustentam o porte masculino nos traços, no andar, no vestir, no tomar mate, até mesmo na dança. Já os “baianos” infringem as barreiras implícitas que separam aquilo que é um gesto de homem e aquilo que é um comportamento de mulher: gíngam, arrastam os pés, seu corpo é languido, seu gesto demorado, são “lambusados”, se esfregam, rebolam e dançam juntos, como mulher: “vcs dançando parecem uma lacraia”, disse um “gaúcho”.

As bichas dos baianos não aguentam, ficam 3 meses aqui e abrem fora! Aqui não usamos roupinhas apertadas e caminhamos rebolando igual os baiano. Vão dançar o *reboletion*⁴ na merda da Bahia pq aqui é terra de MACHO!

De forma que, temos na diferença entre “gaúcho” e “baiano”, a concretização da clássica dicotomia razão versus emoção, cabeça versus coração, cérebro versus instinto, espírito versus corpo, que posiciona no polo da razão/cabeça/cérebro/espírito o superior, evoluído, civilizado e no polo oposto da emoção/coração/instinto/corpo/ o inferior e não-evoluído, bárbaro, não-civilizado.

Carol, coloca um biquini e vai pra praia pra vê se os baiano não vão meter a mão com você!? Nem precisa ir pra praia, vai trabalhar no Polo Naval pra vê o que as mulheres têm q ouvir desses merdas! Conversa mais com as pessoas pra ver se você não vai mudar de opinião. Depois a gente quebra eles a pau e ai chamam os gaúchos de ignorantes...

Era isso que apontava Elias (2011) como um dos critérios de observação do estágio de uma sociedade de acordo com o processo civilizatório: “a libertação dos costumes implica um acréscimo de responsabilidade, e seria justamente este o custo maior trazido a nossas pulsões” (ELIAS, 2011, p. 11). Na visão dominante do riograndino, os “baianos” não foram educados para controlar o ímpeto dos seus instintos, sofrem de um predomínio do corpo, ou seja, se posicionam no polo negativo da dicotomia espírito/corpo. A esse respeito e na mesma linha de Elias, afirma Jessé Souza:

Como em todas as hierarquias morais do Ocidente que permitem separar entre o superior e o inferior ou entre o nobre e o vulgar, a oposição que serve de referência é sempre e em todos os casos, aquela entre espírito e o corpo. O “espírito” é o lugar das funções nobres e superiores, do intelecto e da moralidade distanciada. O “corpo” é o lugar das paixões sem controle e das necessidades animais (SOUZA, 2015).

A partir dos comentários foi possível criar um nó da “sexualidade”, devido às constantes associações dos “baianos” a um comportamento abusivo com as mulheres. Seguem os depoimentos de duas mulheres que dizem terem sido alvos dos assédios dos “baianos”:

⁴ *Reboletion* é o nome de uma musica baiana que fez sucesso no carnaval de 2013.

Alguns deles são muito abusados! Não digo todos, mas alguns... Eles ficam dando em cima de todas as gurias, inclusive de mim, que tenho só 16 anos!

(...) Eu cansei de sair na rua e ouvir cantadas sem graça de muitos Baianos que não tem respeito nenhum, nem por crianças. (...)

Há também a revolta dos homens com o assédio com as “suas” mulheres:

(...) A maioria das minas não gosta porque os cara é abusado demais e já tão tomando porrada por aí (...)

(...) AQUI MULHER GOSTA DE HOMEM COM JEITO DE HOMEM! NÃO BIXA REBOLETION! FALA COM A MULHERADA GAÚCHA PRA SABER O QUE ACHAM DOS BAIANOS, TODAS QUEIMAM VCS! DIZEM Q SÃO FEIOS, COM JEITO DE BICHA, SUJOS E CABEÇA CHATA! (...)

A estigmatização por associação

Há a aparição esporádica daqueles e daquelas que por vezes se sensibilizam com a agressividade investida na figura do “baiano” e suspeitam da verossimilhança das acusações, pois alegam que tais comportamentos não são exclusivos dos “baianos”: “*em qualquer lugar do mundo existe pessoas sem limites*”. Estes, porém, sofrem logo uma repreensão, sentem o peso de discordar do grupo, dado que as concepções que o coletivo se empenha em formar, encontrando a cada resposta, a cada comentário, um reforço do consenso, agem no sentido de pressionar e controlar a conformação das imagens e certezas do grupo⁵. Vejamos como:

Retardada, se passa uma mulher gostosa na rua eles parecem que vão agarrar a mulher a unha. Baianos filhas das putas abusados.

Você está grávida de um Baiano né??? UHASUHAUSHAUSH

Ou no caso dessa outra moça que sugeriu que talvez os “baianos” tivessem a oferecer às mulheres algo que faltaria aos “gaúchos”. Assim ela foi respondida:

UHAUAHUAHUAHUAH tive que rir! Gaúcho não tem pegada? Karina, quem em plena consciência iria te dar alguma pegada? Olha pra tua latinha, pelo amor de deus né! Pra te pegar só baiano desesperado mesmo! UHAHUAHUAHUAHUAUUA Por isso tu acha que só eles têm pegada GAÚCHO NÃO É DESESPERADO PRA PEGAR BARANGA. :D

(...) Você ainda tem sorte de levar uma cantada kkkk

⁵ Esse mesmo fenômeno foi constatado e desenvolvido teoricamente por Elias e Scotson em *Os estabelecidos e os outsiders*: “As pessoas ‘inferiores’ tendem a romper os tabus que as ‘superiores’ são treinadas a respeitar desde a infância. O desrespeito a esses tabus, portanto, é um sinal de inferioridade social. Fere profundamente o sentimento de bom gosto e decência moral das pessoas ‘superiores’. Desperta nos grupos ‘superiores’, raiva, hostilidade, repulsa ou desdém” (SCOTSON e ELIAS, 2000; p. 171).

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

Aqueles que esboçam qualquer movimento de associação com o “baiano” são também postos como desviantes, dado que, se defendem aqueles que infringem as regras, também deverão ser infratores, desviantes, etc. (BECKER, 2008). Para Goffman aqueles que se alinham com o estigmatizado sofrem uma estigmatização de segundo grau, “já que o que um indivíduo é, ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social” (GOFFMAN, 1975; p. 123). Dessa forma, são consideradas “prostitutas”, “putas”, “travestis” e “traficantes”, aqueles e aquelas que se simplesmente relacionam com o “baiano”, seja os defendendo, ou pelo fato de não demonstrarem a devida aversão, isto é, contundente e declarada. Esse mecanismo de “estigmatização de segundo grau”, tem por objetivo alertar aqueles que se associam com o desviante de que poderão vir a sofrer as mesmas represálias, que não vale a pena investir ou continuar nesse posicionamento, que o prejuízo de deixar o grupo dos “estabelecidos” é muito grande, “retira-os dos prazeres do fácil intercâmbio com outros” (GOFFMAN, 1975; p. 127): “*Mexeu com meus aliados mexeu comigo!*”, diz um “gaúcho”.

Na zona de Rio Grande não tem mais movimento, pois os baianos do polo naval casaram com todas as vadias e travecos. Isso é um fato.

Nossas mulheres??? Vocês ficam é com o que sobrou, é o que ninguém quis. Fica com elas aí, pode levar esse *presentão* kkkkkkkkk (grifo do autor. O termo refere-se a presença de pênis nos travestis).

Como se pode notar, a qualidade da relação do “baiano” com a “mulher riograndina” torna-se um ponto de encontro das desavenças. Semelhante à concorrência no mercado matrimonial que abordou Elias (2000; p. 206-207), demonstrando que há uma motivação subjacente na rejeição ou mesmo criminalização da relação entre membros do “grupo outsider” e as “mulheres” do “grupo estabelecido”, que diz respeito aos modos tradicionais de relações entre homens e mulheres impressos em determinada configuração social. Essas modalidades de relações são aprendidas e incorporadas durante a educação social daqueles que participam de tal configuração. Desse modo, a ruptura com os modelos tradicionais de relação acarretaria um prejuízo àqueles que as tinham em um estagio incorporado, dado a formação inicial em que aprenderam a controlar e postergar a obtenção de prazer através do controle e da promessa de que a satisfação sexual viria através do submetimento aos modos oficiais e legítimos de relação entre os grupos de diferentes gêneros. As mínimas infrações das normas de relação entre homem e mulher poderiam ainda vir a abalar outras instituições associadas, por exemplo, ao matrimônio e à família.

A ampliação do perímetro das acusações

Em horas que a definição do “baiano” através do desrespeito com “as mulheres” parece não funcionar, opera-se então uma ampliação dos limites de oposição, depositam-se outras infrações no leque de acusações das infrações cometidas pelo “baiano”, ampliando, dessa maneira, a força da rejeição e o antagonismo.

Não respeitam ninguém: mulher, *velhos* e *crianças*. A cidade de Rio Grande é um lugar ótimo de se viver, mas é bem assim aqui "RESPEITE para ser RESPEITADO" um ditado que acho que eles não conhecem! (grifos do autor)”

O nosso balneário, está virado num favelão dos nordestinos. Que deprimente.

Essa ampliação do leque de acusações – das “mulheres” para os “velhos” e “crianças” – dada a insuficiência ou imprecisão circunstancial de alguns traços levantados, chega até o “trabalho” e a “comunidade” geral, a “cultura” e a “cidade”. Percebe-se a ativação da “comunidade” e da “tradição”, do “coletivo” e do “passado”, como suporte de referência e legitimação dos laços sociais entre o grupo dos "estabelecidos". Nessas horas vasculham-se os quadros mais fortes e gerais de referências identitárias, se voltam ao passado, dizendo “*Somos todos gaúchos, somos todos riograndinos...*”, ou olham para o futuro e afirmam: “*esse é o preço que estamos pagando pelo desenvolvimento*”.

NÓS DOMINAMOS A CIDADE, ELA É NOSSA, NÃO VENHAM BANCA PRA CIMA DA GENTE, NÓS CHEGAMOS AQUI ANTES, COLOCAMOS NOSSA CULTURA ANTES.

Se a Bahia é tão boa voltem pra lá seus *maus educados, abusados* e *cabeças chatas*! Não venham matar a fome e a sede de vocês aqui no Sul porque aqui não queremos *merda*! Temos *orgulho* de nossa terra e pra quem não conhece a *Revolução Farroupilha*, lutamos contra o Brasil inteiro, acham mesmo que tememos alguma coisa? Ainda mais uma minoria que faz parte do Brasil, é nada pra nós gaúchos! (grifos do autor)

Adoro essa música. Temos que *honrar* nossa cidade fuge que é baiano
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Estão sempre falando mal da nossa cidade e esquecem que vieram matar a fome deles aqui, se é tão bom lá na Bahia volta pra lá! já vão tarde! Aqui é a nossa terra, com muito orgulho.

TODOS! eu digo, TODOS os baianos têm inveja dos gaúchos, e então vêm fazer essa baderna aqui, e vêm bagunçar um estado *calmo, e tranquilo*.” (grifos do autor)

Nas falas acima há uma concepção de que a cidade antes da entrada dos estrangeiros era tranquila e calma, de forma que o “baiano” estaria associado ao aumento da desordem e dos distúrbios sociais. Observa-se ainda como o “orgulho” e a “honra” são citados, resgatando referências identitárias tal como a “Revolução Farroupilha”. Sendo assim, há também a necessidade da demarcação de distinções elucidadas pelos debatedores. Desse modo, podemos notar como há,

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

na contraposição da produção da imagem dos “baianos”, enquanto os “outros”, a construção da imagem do “nós” enquanto “gaúchos”:

GAUCHADA= somos bem “loco”, “loco” de bueno, nós temos veneno na folha da faca. Quando sangue ferve viramos a cabeça. Por deus pai santo, ninguém ataca... BAIANADA= VAI RALANDO NA BOQUINHA DA GARRAFA... KKKKKK

Na real os baianos tão achando que tão na casa da sogra que vão fazer tudo o que querem, mas não é bem assim. Se toquem e caíam na real, todos nós gaúchos sabemos que vocês estão aqui porque queriam ser gaúchos

Eles *chineliaram* nossa cidade. Agora só se vê os parangolé por todo lado e pior, um monte de homem que ficam se esfregando uns nos outros. Se pra eles é normal pra nós gaúcho isso é viadagem. Kkkkkkkkk

Em relação ao trabalho, há uma contradição a que os nativos têm que lidar referente às alegações de que o “baiano” seria “preguiçoso”, “avesso ao trabalho”, “malandro”, preferindo recorrer a atividades ilícitas que requerem menos esforço. Porém, ao mesmo tempo, eles teriam vindo a Rio Grande em função do Polo Naval, portanto, para trabalhar, e sobretudo pelo fato de não haver mão de obra qualificada para esse setor disponível na cidade. Ou seja, haveria, de saída, uma superioridade de qualificação e uma apropriação privilegiada dos postos de trabalho melhores remunerados por parte dos “baianos”. Nesse sentido, diz um baiano (da Bahia):

A inveja é uma coisa incrível...só porque em Rio Grande não possui mão-de-obra qualificada tendo que recorrer a outros estados para suprir o quadro de mão-de-obra, ao invés do povo gaúcho acolher fica discriminando...como no meu caso fui contratado como engenheiro pela Engevix⁶, saindo de Salvador vindo para Rio Grande, devido a Engevix ter praticamente implorado para eu vir para cá, devido a não encontrar gente qualificada aqui, fico triste pelo preconceito de certas pessoas!

Ao que os nativos respondem:

Rio Grande possui sim mão de obra qualificada, a diferença é que a maioria não possui experiência, aí vem os baianos com a *carteira aquecida*⁷ e ganham as vagas assim, sem nenhuma honestidade, conheço um bando deles que confessam que mal sabem o que estão fazendo. É que lá na Bahia é fácil conseguir essas coisas, baita injustiça com quem estuda e se dedica para conseguir uma chance honestamente.

QUALIFICADA? PAGAR BEM? AUHAUHAUHAUHAU Baianada vem pra cá trabalhar em coisas que *nem precisa de ensino médio e paga muito mal* e querem dizer que são qualificados? As pessoas de Rio Grande estudam e vão ser algo bom na vida diferente de vocês que vem montar plataforma *sem se quer ter ensino médio* pra morar em uma casa com + 40 nego e ganhar *um salário de bosta*. Pelo amor de deus, vão se enxergar seus lixos. (grifos meu)

O jeito que vocês *são lentos* se dependesse da ajuda de vocês nós estávamos todos mortos, o tempo que um baiano ia demora pra chega aqui. O *POVO MALANDRO*. (grifos meu)

Você pode até estar certo não tenho nada contra baiano ou carioca!! Até porque já estive aí!! Mas achar que só vocês sabem fazer obra aí é demais!! *Sabem montar andaime* pelo

⁶ Empresa do Polo Naval.

⁷ Carteira aquecida quer dizer comprada.

que eu vi! E só isso!! Profissional mesmo que veio de fora não vi nenhum ainda e tenho 20 anos na metalurgia!! Metalúrgica irmão não e obra!! (grifo meu)

Além desses baianos não saberem trabalhar são uma cambada de vagabundo da porra.

Vocês estudam pra isso porque vocês querem. Em Rio Grande nem todo mundo vai para o Polo, tem pessoas que preferem ter suas lojas.

Os comentários expostos demonstram um investimento do nativo em sustentar uma imagem alicerçada em pontos, eixos ou nós de atributos, traços a partir dos quais se operaria a distinção, aversão e inferiorização do “baiano”. Esses nós variam em termos de concentração, de intensidade e força de sua circularidade e reincidência. Quer dizer, alguns temas aparecem mais fortes que outros, retornam com mais frequência, como a questão do trabalho e da sexualidade. Temos assim nós de traços fracos e fortes.

Nesse sentido, o “nativo” joga com a pluralidade de pontos de apoio. Assim, observa-se em suas narrativas, deslocamentos referentes à inaplicabilidade eventual de alguns desses esquemas de reconhecimento, identificação e distinção. Vê-se, por exemplo, que quando a identificação do “baiano” a partir da promiscuidade vem a falhar, a acusação é redirecionada para a territorialidade, os laços de tradição e da comunidade. Sobretudo os demarcadores fracos, como o fato de falar no celular e beber cerveja na latinha, demonstram a fragilidade de tais referentes, assim como a dificuldade de dar por acabado o trabalho de contorno e fechamento da identidade do “baiano”. Uma vez que esses depoimentos se inserem em um fórum de discussão, eles se desenvolvem no sentido de aumentar sua consistência, serem melhor fundamentados e aumentar a inteligibilidade de tais aversões que não se sustentariam apenas com essa razão.

Seguem alguns comentários que mostram como a identidade do “baiano” tende a não se fixar, ser refratária às investidas do “nativo”, como seus contornos se confundem na demarcação dos traços étnicos ou geográficos:

Eu tenho *nojo* dessa gente, um bando de maloqueiros porcos, baianos, cariocas e merda é tudo a mesma coisa. (grifo do autor)

Só falta a homenagem aos cariocas que se acham melhores que os riograndinos. Aqui pelo menos não tem favela, morro, assassinato de polícia e nem traficante mandando obedecer a toque de recolher.

Quando vai sair uma sobre os cariocas daqui????? Ahhahhahhaahah.

Fora nordestinos!

Não dá pra negar que baianos, cariocas e outros "invadiram" a cidade.

Portanto a necessidade que se apresenta de elaborar uma figura geral que permita identificar, tornar inteligíveis as experiências vividas pelos nativos, apresenta constantemente

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

falhas, dubiedade, confusão, incorrespondência. Os apontamentos que buscam a presença de um sujeito responsável pelo seu mal-estar, deparam-se frequentemente com uma ausência, um vazio, no sentido de que esse sujeito se esquivava, escorrega a cada investida do nativo.

Mesmo assim, observa-se um movimento posterior de retorno de cada tentativa falha de definição do “baiano” ao fórum de debates, que a todo momento inicia um novo ciclo de atualização das demarcações.

Considerações finais

A categoria “baiano” funciona no sentido de assegurar as devidas distinções no universo cognitivo do “nativo”. Mas, uma vez que admitamos seu funcionamento (através, por exemplo, de sua extensão e atualização no tempo), podemos dizer que ela encontra correspondência na realidade, isto é, permite distinguir, a partir dos estigmas – ou seja, um conjunto de informações ou sinais indicadores afixados nos corpos -, o lugar de proveniência de um indivíduo na estrutura social.

Os estigmas, portanto, são sinais, informações, códigos (GOFFMAN, 1976, p. 11), que dizem respeito a esse conceito mais amplo de “baiano”, à representação daquilo que aparece no “cotidiano riograndino” e que em um primeiro momento lhe é estranho, e do qual não se pode prever os comportamentos.

Enquanto um conjunto de sinais que indicam um lugar de proveniência, a identidade do “baiano” coloca-se como um espaço social alocado na estrutura simbólica riograndina, principalmente sobre os vazios e fraturas que se abrem na mesma, e cujo posicionamento dentro desse espaço, através das condutas, dos comportamentos, práticas, gestos e performatividades, vêm a transformar, posicionar, identificar alguém como “baiano”, reparando, suturando e se sobrepondo então àquelas fraturas.

Os pontos de oposição encontrados nos discursos dividem-se em classificações de traços fracos e fortes. Os primeiros se dirigem ao fato de os “baianos” serem “analfabetos”, “sem educação”, “abusados”, “descontrolados”, “bêbados” e “preguiçosos”. Os últimos dizem respeito a uma motivação subjacente, inerente ao próprio funcionamento da configuração social, que aqui se pode observar na concorrência em torno da “mulher”, do “trabalho”, da legitimidade, da apropriação privilegiada dos bens simbólicos e recursos sociais.

As acusações pressionam e circulam em torno desses temas ou nós, que, postos em uma estrutura dicotômica, tentam empurrar o “baiano” para esse lugar onde se reúnem suas porções

negativas e, assim, legitimizar o posicionamento daquele que o enuncia, ou seja, o “nativo”, em suas porções positivas.

Observa-se ainda a intenção de vincular o “baiano” com aquilo que se considera “errado”, “ignóbil”, “baixo”, “feio”, “repulsivo”, “desviante”, para tornar esse conjunto de infrações inteligíveis e operacionalizáveis. Desse modo, o “baiano” apareceria como a personificação não só das infrações, mas do agente que as comete, dando margem para a estipulação das punições adequadas para aqueles que as viessem a cometê-las, tal como a rejeição e o desprezo do grupo dos “nativos estabelecidos”.

De outro modo, a figura do “baiano”, como personificação do desvio, funcionaria como um dispositivo de manutenção da coesão do grupo estabelecido, legitimando essa posição enquanto composta daqueles que não cometem as infrações próprias dos “bairianos” - os desviantes - e minimizando então os riscos de ameaças a sua integridade. Todavia, a figura do “baiano” deve estar a todo o momento sendo trabalhada, dada a tendência que mostra em deslizar, ser refratária às tentativas de definição e fixação.

Pode-se notar ainda como a figura do “baiano”, eleita como um inimigo comum pelo coletivo, torna-se alvo de pulsões raiosas, xingamentos desmedidos, hostilizações, ou seja, observa-se como a figura do “baiano” influi em níveis profundos das subjetividades dos agentes, dizendo respeito às suas porções emocionais e sensitivas, e não somente ao aparato cognitivo. Da mesma maneira, a figura do coletivo, a identidade resgatada do “gaúcho”, erigida na contraposição ao “baiano”, desperta emoções positivas, sensações de pertencimento, orgulho e honra.

Por fim, os processos de produção do “baiano” dizem respeito à produção de mecanismos que visam tornar inteligíveis e organizar as desestruturações ou mudanças que os indivíduos vivenciam. Desse modo, o “baiano” seria uma categoria sintética, que procederia reduzindo em um só rótulo tanto os “estrangeiros” encontrados no cotidiano riograndino, como a própria situação social, as mudanças estruturais, que se passam na cidade.

Referências bibliográficas

BASTIAN, Lilian e KRONE, Evander. O desenvolvimento em nível territorial: constatações com base nos índices de condições de vida e de desenvolvimento sustentável para o território Zona Sul do RS. In: RODRIGUES, Léo, et al. **Crise e emergência de novas dinâmicas sociais**. – Curitiba, PR: CRV, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. A busca da segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudo sobre identidades desviantes. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de século, 2003.

_____. **O poder simbólico**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do corpo. In: **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Org: LOURO, Guacira Lopes. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

CARVALHO, Diogo Sá e DOMINGUES, Marcelo Vinicius. POLO NAVAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA METADE SUL DO RIO GRANDE DO SUL. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 34, Número Especial, p. 933-954, 2013.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes. 1998.

DE SENA, Angélica e LISDERO, Pedro. Etnografía virtual: aportes para su discusión y diseño. In: DE SENA, Angélica. **Caminos cualitativos**: aportes para la investigación en ciencias sociales. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Fundación CIOCUS, 2014.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000..

ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Portugal: Celta Editora, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte : editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JESSÉ, Souza. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2ª Ed. São Paulo : Contexto, 2010.

SCHÜTZ, Alfred. **O Estrangeiro** – Um ensaio em Psicologia Social. Revista Espaço acadêmico, nº 113, 2010.

Sites:

Ndonline, A escassez da tainha na Lagoa dos patos força a migração de pescadores, <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/69121-escassez-de-cardumes-de-tainha-na-lagoa-dos-patos-forca-migracao.html>>. acesso em: março de 2014.

Presos três envolvidos em assalto a carro-forte no RS. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/11/homens-envolvidos-em-assalto-carro-forte-no-rs-vaio-para-presidio.html>>. Acesso em novembro de 2015.

Jornal do almoço, Jovem baiano é preso acusado de trabalhar como matador de aluguel. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/rio-grande/v/jovem-baiano-e-preso-acusado-de-trabalhar-como-matador-de-aluguel/3788757/>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

Jornal Agora, Registrado o primeiro homicídio do ano em Rio Grande. Disponível em: <http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=8&n=67698>>. **Acesso em 05 de janeiro de 2015.**

Correio do Povo, Ataque a carro forte em Rio Grande deixa um morto e três feridos. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Policia/2015/11/573186/Ataque-a-carro-forte-em-Rio-Grande-deixa-um-morto-e-tres-feridos>>. Acesso em 27 de novembro de 2015.